

A memória carcomida do planalto

Fundada há 140 anos, Planaltina reúne casarões coloniais que podem desabar, reduzindo parte da história a ruínas

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

Naquele tempo, quase não havia gente no mundo. O mundo era pelado. Foi quando começou a aparecer gente no Planalto Central. A história da região tem datas marcadas nos calendários oficiais. Mas a história verdadeira começou muito antes, nos povoados goianos.

Os casarões antigos de Planaltina vêm desse tempo. Por isso mesmo, estão caindo, carcomidos por cupins. Os moradores da cidade que admiram sua beleza e significado apelam, fazem denúncias, mas não conseguem evitar a destruição.

As casas têm assoalhos de tábuas longas. Paredes largas de adobe, brancas. Portais pesados de arceira pintados de azul. Cores trazidas de Portugal pelo Brasil Império. "Planaltina tem estilo colonial pobre. Não tem a beleza das incrustações barrocas, das esculturas de Pirenópolis, Formosa, Luziânia. Nossa cidade era lugar de passagem, não tinha a riqueza das regiões auríferas.", afirma Mário César de Sousa Castro, 50 anos.

Ele é professor de Português e Matemática. Cresceu apaixonado pelas histórias que a avó contava sobre a região e passou a estudar o tema a partir de 1979. Mário argumenta que os poucos casarões restantes não podem ruir, levando junto parte da história da cidade fundada em 19 de agosto de 1859, com o nome de Mestre D'Armas.

O professor é neto de Viriato de Castro. Com 13 ou 14 anos, entre 1892 e 1894, o avô foi um dos guias da Comissão Cruls — a comissão chefiada por Luiz Cruls que demarcou e descreveu o lugar onde surgiria Brasília.

O historiador diz que há 20 anos busca apoio à preservação, sem sucesso. Desde aquela época, as casas continuam sendo destruídas ou modificadas. Mário Castro não sabe quantas casas já caíram. Mas calcula que umas 15 ou 20 ainda estejam de pé, precisando de socorro. As mais bonitas estão na praça Salviano Monteiro Guimarães, a principal da cidade.

Pertinho da praça, na rua 13 de Maio, mora dona Negrinha. Assim é chamada Delmira Fernandes Guimarães, 78 anos. Idade que não corresponde à realidade porque ela foi registrada no dia do casamento, aos 13 anos. Ela não lembra quando foi morar em Planaltina, mas sabe que Brasília não existia.

É dona Negrinha quem conta que o mundo era pelado, vazio de gente. O marido, José Teixeira

da Silva, trabalhava de carpinteiro em Formosa, Luziânia, Planaltina. E ela resolveu trocar de endereço, deixando a região onde hoje está a barragem do Descoberto por uma casa em Planaltina, paga com três vacas e dois cavalos.

Primeiro, o casal foi morar na Rua da Palha — atual Rua Piauí —, que ocupava mais de três quarteirões com 80 casinhas cobertas de palha, desmanchadas na década de 1960 pelo Ministério da Saúde por serem focos da doença de Chagas. Dois anos depois de chegar a Planaltina, Negrinha mudou-se com a família para a casa onde vive até hoje.

Ela é viúva há quatro anos. A vizinhança diz que José e Cândido Vieira, outro carpinteiro, fabricaram o cruzeiro, a primeira cruz colocada perto de onde um dia surgiria o Memorial JK e que deu origem ao Cruzeiro, a cidade. "Eu assisti à primeira missa de Brasília", orgulha-se a velhinha.

Dona Negrinha só precisa atravessar a rua para encontrar outra parte das raízes de Planaltina. É a casa de dona Iaiá, Maria da Conceição de Souza, 93 anos. Nascida em Luziânia, na Fazenda Paranoá. Família dona de muitas terras. Ela é tia de criação de dona Negrinha. "O avô de meu pai veio da Itália pra cá por causa do ouro", conta. Há uns dez anos, dona Iaiá ajudou o historiador Mário Castro a montar as árvores genealógicas de dez famílias da cidade. "Fui à missa de inauguração de Brasília", conta a moradora de um preservado casarão de 100 metros quadrados.

As paredes são de adobe. O prédio tem algumas modificações, como um novo banheiro fora do estilo original. Recentemente, foram gastos R\$ 2,8 mil para a reposição de uma porta e duas janelas do casarão — encomendadas no interior de Goiás.

Mas a história de Planaltina precisa mais do que a preservação das casas. Mário Castro desconfia que muita coisa ainda seja desconhecida. Principalmente, a origem da cidade. Há dois anos e meio, ele tenta localizar um povoado chamado Barreiros, que acredita ser o primeiro agrupamento de moradores que daria origem ao Sítio Mestre d'Armas.

A pesquisa não é só dele. É um cruzamento de informações com o historiador Paulo Bertran, professor aposentado da Universidade de Brasília. Castro conta que encontrou documentos de 1795 a 1810 no Museu dos Bandeirantes, em Goiás Velho (GO), comprovando a existência do Sítio Mestre D'Armas.

Fotos: Paulo de Araújo



Os casarões mais bonitos preservam paredes de adobe e telhas coloniais, mas os moradores têm dificuldades para conservá-los em pé



Dona Negrinha e dona Iaiá: histórias das famílias mais antigas

Cupins nos telhados

Mesmo com estacas novas todos os anos, o telhado insiste em cair. Velhice centenária, cheia de remendos. O forro é de madeirite, com peças brigando entre si, mal acomodadas. O piso tem buracos. Quase todo o patrimônio histórico de Planaltina está do mesmo jeito. A Administração Regional de Planaltina tem planos para salvar suas relíquias.

"Eu gosto da casa, tento conservá-la do mesmo jeito, mas é muito difícil", desabafa o dono do Restaurante Paulus, na praça principal de Planaltina. Todos os anos, José Carlos de Paula, 42 anos, precisa reformar o casarão. Este ano, rodou a cidade em busca de telhas originais. Conseguiu 80 peças por R\$ 200, encontradas em entulhos de casas demolidas. Depois, ganhou mais algumas.

Há 20 anos, José Carlos de Paula tem comércio na praça. Mas vai desistir do imóvel alugado. "Para fazer uma reforma completa, tem de deixar só no adobe, desmanchar e fazer de novo." Ele vai construir um restaurante em outro lugar. Deve ficar pronto em um ano.

José de Paula diz que foram gastos R\$ 2,8 mil este ano em reformas. Especialmente, no telhado. Ele trocou 25 metros do madeirame. "A casa está cheia de cupins", queixa-se.

As casas são belas, e os moradores não agüentam mantê-las. O Museu de Planaltina, também localizado na praça Salviano Monteiro, está caindo aos pedaços. Buracos no piso, no forro. A Igreja São Sebastião, construída

no início do século XIX e tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal em 1982, precisa de reforma. Mas a arquitetura não está perdida. "O telhado da igreja será reformado com dinheiro de um convênio com o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa)", anuncia o encarregado da Divisão Regional de Cultura, JB de Jesus. Ele afirma que, no início do ano, foi aprovado um projeto prevendo a liberação de R\$ 600 mil para restauração.

Na opinião do historiador Mário Castro, a igreja deveria ser aproveitada para a criação de um museu sacro regional. "Sei de pessoas que têm imagens e as doariam para um museu caso fosse criado em Planaltina. A própria igreja tem paramentos usados há quase um século e imagens que poderia reunir aqui."

Segundo Mário Castro, a igreja já foi reformada algumas vezes. "Minha bisavó dizia que foi ampliada. Acho que criaram as sacristias há uns 35 anos. Antes, só existia a nave (espaço entre a entrada e o altar)". O prédio está bem conservado, mas com problemas graves no telhado.

A maior parte do dinheiro da parceria entre a administração regional e o Sebrae será aplicada na reforma do Centro de Artesanato, que funciona no prédio da primeira cadeia de Planaltina. Segundo JB de Jesus, a verba para a reforma será liberada em parcelas, em um cronograma ainda indefinido.

PARA SABER MAIS

NASCIDA NO RASTRO DO OURO

A partir da primeira metade do século XVIII, teve início a exploração das minas de ouro e esmeraldas e começou o povoamento do interior de Goiás. O lugar onde hoje é Planaltina era usado como ponto de pouso e passagem dos bandeirantes.

Segundo a tradição oral, o primeiro nome do povoado foi Mestre D'Armas porque ali morava um ferreiro, perito na arte de consertar e manejar armas. O território pertencia à Vila de Santa Luzia, hoje Luziânia.

Depois, passou a pertencer à Formosa. Houve sucessivas transferências por causa de reivindicações da população, que preferia uma ou outra jurisdição, motivada por vantagens fiscais.

Em 19 de agosto de 1859, pela Lei nº 3 da Assembléia Provincial de Goiás, criou-se o município de Mestre D'Armas. Essa passou a ser a data oficial da fundação de Planaltina, que foi transferida para o Distrito Federal com a criação de Brasília.